

vida vício virtude

adauto novaes

Parece evidente que vivemos um momento de transformação radical de todos os valores que, em última análise, dão sentido às nossas ações. Muitos pensadores atribuem esta mutação à revolução tecnocientífica, a produzir uma permanente “materialidade sem alma”, “um mundo sem espírito”. No dizer do poeta e ensaísta Paul Valéry, até mesmo o “valor espírito” não se difere mais do “valor trigo” ou do “valor ouro”. Para dar conta do problema, este ciclo de conferências buscará discutir os modos de se perceberem, na atualidade, conceitos ligados aos vícios e às virtudes tanto nos âmbitos sociais, quanto nos da subjetividade humana. De maneira simplificada, pode-se dizer que o vício é uma disposição para o mal, assim como, em contrapartida, a virtude é uma disposição para o bem. A existência, hoje, de uma grande assimetria entre as condições de produção material e técnica e seus equivalentes em valores espirituais e mentais se torna, portanto, a base que servirá de ponto de partida para uma ampla prospecção do mundo contemporâneo, para usar as palavras do filósofo Maurice Merleau-Ponty.

Nesta primeira incursão para reavaliar os valores hoje, escolhemos cinco vícios e cinco virtudes dominantes.

	RJ	BH	SP
<i>o vazio do pensamento</i> franklin leopoldo e silva	14abr	15abr	16abr
<i>a sabedoria</i> marcelo perine	15abr	16abr	17abr
<i>a injustiça</i> francis wolff	16abr	17abr	18abr
<i>a intemperança</i> renato janine ribeiro	22abr	23abr	24abr
<i>* a vergonha</i> ruwen ogien	23abr	24abr	25abr
<i>a passividade</i> maria rita kehl	28abr	29abr	30abr
<i>a amizade</i> marcelo coelho	29abr	30abr	02mai
<i>a intolerância</i> eugênio bucci	30abr	06mai	07mai
<i>a indiferença</i> renato lessa	06mai	07mai	08mai
<i>a liberdade</i> marilena chaui	07mai	08mai	09mai

(*) conferência em francês com tradução simultânea

Inscrições a partir de 1 de abril

Rio de Janeiro

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Teatro Raimundo Magalhães Júnior
 av. presidente wilson, 203 | centro
www.academia.org.br
conferências segundas, terças e quartas às 19h
 informações e inscrições:
ABL (21)3974-2559 das 12h às 18h
Casa do Saber (21)2227-2237 das 11h às 20h

Nova Lima | Belo Horizonte

CASA FIAT DE CULTURA
 rua jornalista djalma andrade, 1250 | belvedere
 (31)3289-8900 casafiat@casafiat.com.br
www.casafiatdecultura.com.br
conferências terças, quartas e quintas às 19h
 informações e inscrições:
APPA - rua paraíba, 330 sala 912 | funcionários
 (31)3224-5350 | appa@appa.art.br

São Paulo

Casa do Saber
Jardins (11)3707-8900
 rua dr. mario ferraz, 414 | jd. paulistano
 de segunda a sexta das 10h às 22h e
 aos sábados das 12h às 18h
Higienópolis (11)3255-8900
 rua itambé, 315A | higienópolis
 de segunda a sexta das 13h às 22h
www.casadosaber.com.br

SESC AVENIDA PAULISTA

av. paulista, 119 | centro
www.sescsp.org.br
conferências quartas, quintas e sextas às 19h
 informações e inscrições:
SESC (11)3179-3700

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA RECONHECIDO PELO FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

As conferências do Rio de Janeiro serão transmitidas ao vivo pela internet | www.academia.org.br

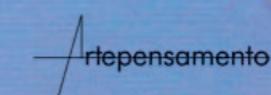
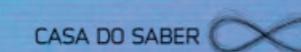


projeto gráfico Marcellus Schnell

rio de janeiro, belo horizonte e são paulo | 14 de abril a 9 de maio de 2008

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO EXCLUSIVO



VIDA VÍCIO VIRTUDE

o vazio do pensamento | **franklin leopoldo e silva**

Se, há pouco tempo, Sartre podia falar do vazio como “falta constitutiva” do processo de construção da subjetividade, ou seja, uma ausência que era *experimentada* pelo sujeito, na atualidade essa travessia da densidade do vazio em busca de um possível sentido foi substituída pela *funcionalidade* do vazio. Assim, hoje o indivíduo tem muitas opções, mas um único gênero de escolha, consumir. Nesse sentido, as diferenças individuais se revelam mais numéricas do que propriamente qualitativas: todos somos indivíduos narcisistas, mas a imagem que cada um vê — ou projeta de si mesmo — é idêntica à de todos os outros. E o espelho que reflete essa imagem, esse rosto que não possui qualquer realidade singular, por refletir todos e nenhum, reflete o vazio.

Franklin Leopoldo e Silva é professor de Filosofia da USP. Publicou, entre outros livros, *Descartes, metafísica da modernidade*.

a sabedoria | **marcelo perine**

Discorrer sobre a sabedoria como virtude significa um caminho na direção de se recuperar o conceito de excelência humana — pois a virtude não é mais que isso —, ou seja, um repensar antigos conceitos a partir da Grécia arcaica (as virtudes heróicas), do período clássico (as virtudes cívicas) e do período medieval (as virtudes teológicas). A sabedoria poderia ressurgir, assim, na correta compreensão das práticas humanas cooperativas, socialmente estabelecidas e carregadas de seus sentidos originários.

Marcelo Perine é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1986), com pós-doutorado na Università Vita Salute San Raffaele, Itália (2004-2005). Professor associado do Departamento de Filosofia e do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP.

a justiça | **francis wolff**

Podem-se classificar as virtudes em duas categorias. Aquelas pelas quais se visa ao próprio bem e aquelas que visam ao bem dos outros. Nas primeiras estão a temperança, a força, a prudência, a honra, a esperança etc.; entre as segundas encontramos a generosidade, a caridade, o devotamento, a liberdade etc. Mas a justiça é uma virtude estranha. Parece-me que ela não entra em nenhuma das duas categorias. O homem justo não visa a seu próprio bem nem ao bem dos outros uma vez que se considera a si mesmo um outro e trata cada outro como a si mesmo. Aquele que é justo nos seus julgamentos, julga de maneira imparcial, sem favorecer nenhuma parte nem a si mesmo... A justiça é uma virtude “cega” a quem ela se dirige. Daí o paradoxo: a justiça é um sentimento inteiramente voltado para o outro, atento aos outros, mas totalmente cego aos outros, à sua singularidade, à sua pessoa.

Francis Wolff é professor de Filosofia na Universidade de Paris X e na Escola Normal Superior e autor de, entre outros livros, *Aristóteles e a política*.

a intemperança | **renato janine ribeiro**

Nosso tempo não favorece os temperados por ser uma época de excessos. O capitalismo libertou o mundo da finitude e dos limites. O exagero, comportamento tipicamente pós-moderno, retratado pela obsessão do consumo, pode ser considerado uma boa marca da atualidade. Tal exagero se manifesta na forma de uma ‘droga’, em atos como o de comer, beber, fazer amor ou na embriaguez provocada pela compulsão dos *workaholics*.

Renato Janine Ribeiro é professor de Filosofia Política e Estética na USP. Publicou, entre outros livros, *Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo*.

a vergonha | **ruwen ogien** *

A maioria dos filósofos que se interessa pela questão tende a pensar que, apesar de sua proximidade de superfície, vergonha e culpa distinguem-se em profundidade. Contesto os critérios que procuram diferenciar profundamente uma da outra. Do meu ponto de vista, a única diferença importante entre vergonha e culpa refere-se à atitude em relação à responsabilidade. No caso da culpa, reconhecemos abertamente a responsabilidade de nossas ações e expressamos a vontade de reparar os danos que causamos. No caso da vergonha, adotamos uma atitude incoerente em relação à responsabilidade. De um lado, nós a reconhecemos, sem o qual não teríamos vergonha. De outro, fugimos dela: nosso primeiro impulso é o de nos esconder, desaparecer provisória ou definitivamente.

Ruwen Ogien é professor e pesquisador do CNRS - Centro Nacional de Pesquisas Científicas - de Paris. Publicou, entre outros: *Théories ordinaires de la pauvreté e L'éthique aujourd'hui: maximalistes et minimalistes*.

a passividade | **maria rita kehl**

Vamos discutir, de um lado, a passividade — em termos de receptividade e contemplação — como uma das condições do prazer chamado, injustamente, apenas de feminino. De outro lado, a partir de Nietzsche e de Walter Benjamin, a passividade será considerada como pulsão de morte, focalizando, respectivamente, os ressentidos e os melancólicos.

Maria Rita Kehl é psicanalista, doutora em psicanálise pela PUC de SP e escritora. Seus últimos livros são: *Ressentimento* (Casa do Psicólogo) e *Videologias* (em parceria com Eugenio Bucci, ed. Boitempo). No momento escreve um novo livro sobre as depressões, intitulado *O tempo e o caos*, a sair em 2007 pela ed. Boitempo.

a amizade | **marcelo coelho**

A partir da constatação de que a amizade necessita, para se constituir, de um forte ponto de contato entre as ordens do público (a ética e a virtude) e do privado (as “afinidades eletivas”), indaga-se se no mundo das relações atuais — mediadas pela Internet e sujeitas ao declínio do espaço público —, a amizade ainda encontra lugar propício para prosperar.

Marcelo Coelho é mestre em Sociologia pela USP, jornalista e autor de, entre outros livros, *Trivial variado*.

a intolerância | **eugênio bucci**

Mais que “tolerar”, esse péssimo verbo para designar o ato de aceitação, cada um de nós está desafiado a se interessar espontaneamente pelo semelhante — que é tanto mais semelhante quanto mais diferente puder ser. A intolerância, que em outros tempos já foi um sinal de preconceito ou mesmo de repúdio violento ao outro, agora é o signo de tragédias íntimas ou planetárias. Dado o avanço das forças destrutivas, a intolerância hoje não conduz apenas à segregação entre duas partes: contendo o desejo de extirpação, pode promover a eliminação de ambas. Contra essa tragédia, só nos resta o diálogo. Vivemos o tempo em que o diálogo, de modalidade discursiva, adquiriu a dimensão de virtude vital.

Eugênio Bucci é doutor em Ciências da Comunicação. Foi professor de Ética Jornalística na Cásper Líbero em 2001 e 2002 e crítico de televisão e de cultura no *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*. É atualmente colunista de *O Estado de S. Paulo* e do *Observatório da Imprensa*.

a indiferença | **renato lessa**

Um modo de pensar esta questão busca combinar a proposição conceitual que vê na indiferença uma negação do comum — ou como diz Michael Herzfeld, uma rejeição da humanidade compartilhada — com a sensação existencial de que nossa experiência no mundo, mesmo quando em busca do comum, mobiliza distintas *esferas de indiferença*. Desse modo, vai-se indagar sobre os limites toleráveis da indiferença e pensar, ainda, acerca da naturalização da indiferença, em sua fixação como atributo humano inalterável.

Renato Lessa é professor titular de Teoria Política do IUPERJ e da UFF e presidente do Instituto Ciência Hoje. Entre os livros e ensaios que publicou, destacam-se: *Veneno pirrônico: ensaios sobre o ceticismo* (Francisco Alves) e *Agonia, aposta e ceticismo: ensaios de filosofia política* (Editora da UFMG).

a liberdade | **marilena chaui**

Desde Aristóteles, a tradição filosófica fixou a distinção entre necessidade e liberdade, ou seja, entre o que é “por natureza” e, assim, não admite exceção nem suspensão, e o que existe “por vontade”, isto é, o que se faz passível de escolha racional entre alternativas possíveis. Aqui se encontra também a idéia de que o vício é paixão, enquanto a virtude seria a disposição interior nascida da escolha racional de um fim bom. Com Espinosa paixão e ação deixam de ser termos reversíveis, pois corpo e mente passam a ser a mesma coisa, agindo juntos e simultaneamente. A liberdade não se encontra, portanto, na distância entre mim e mim mesma — distância que, usando a razão e a vontade, eu procuraria preencher com algo que não sou eu mesma, isto é, com o objeto de uma escolha ou com um fim —, porém, ao contrário, é a proximidade máxima de mim comigo mesma, a identidade do que sou e do que posso.

Marilena Chaui é professora de Filosofia da USP e autora de, entre outros livros, *A nervura do real: Imanência e liberdade em Espinosa*.

V I D A V Í C I O V I R T U D E

curadoria **Adauto Novaes**

ARTEPENSAMENTO | tel (21) 3852-8784

artepensamento@dh.com.br

(*) conferência em francês com tradução simultânea